

A PEDAGOGIA DE LA SALLE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO MODERNA

LA SALLE'S PEDAGOGY IN THE CONTEXT OF MODERN EDUCATION

ARTIGO

Clóvis Trezzi¹

Universidade La Salle

E-mail: clovis.trezzi@unilasalle.edu.br

Moyses Romero Borges Oliveira

Universidade La Salle

E-mail: moyses.romero@lasalle.org.br

RESUMO:

O objetivo deste artigo é situar a Sociedade das Escolas Cristãs - posteriormente chamada de Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs - e compreender a sua relevância no contexto do surgimento da educação moderna. O artigo faz uma análise histórica do século XVII partindo dos paradigmas científico, religioso, socioeconômico e antropológico, que impactaram na educação e contribuíram para o desenvolvimento da pedagogia moderna. O artigo se caracteriza pelo seu caráter histórico e a coleta de dados se deu por meio de pesquisa bibliográfica. O objeto principal de análise é a obra educacional de João Batista de La Salle, fundador do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, e a sua importância na configuração da novidade educacional que nasceu na França no século XVII e se difundiu por todo o mundo nos séculos seguintes. Conclui-se que esse Instituto estava totalmente situado dentro das mudanças históricas do seu tempo e que seu desenvolvimento teve impacto nas novidades pedagógicas que ajudaram a reestruturar a escola básica no seu tempo e impactaram a educação até o século XXI.

Palavras-chave: Educação moderna. La Salle. História da educação

ABSTRACT:

The purpose of this paper is to situate the Society of Christian Schools - later called the Institute of the Brothers of the Christian Schools - and to understand its relevance in the context of the emergence of modern education. The paper makes a historical analysis of the 17th century, starting from the scientific, religious, socio-economic and anthropological paradigms, which had an impact on education and contributed to the development of modern pedagogy. This paper is characterized by its historical nature, and the data collection was carried out through bibliographic research. The main object of analysis is the educational work of John Baptist de La Salle, founder of the Institute of the Brothers of the Christian Schools, and its importance in shaping the educational innovation that originated in France in the 17th century and spread throughout the world in the following centuries. It concludes that this Institute was totally situated within the historical changes of its time and that its development had an impact on pedagogical innovations that helped to restructure the basic school in its time and affected the education until the 21st century.

Keywords: Modern education. La Salle. History of education.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo visa situar a Sociedade das Escolas Cristãs - posteriormente chamada de Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs – e compreender a sua relevância no contexto da educação moderna no século XVII. O projeto educativo das Escolas Cristãs foi desenvolvido por João Batista de La Salle (Reims, 1651 – Rouen, 1719) e um grupo de professores, chamados de Irmãos, a partir de 1679. A abordagem do artigo é histórica. Por ela se busca um distanciamento do projeto educativo de La Salle para uma posterior reaproximação.

A motivação para este trabalho vem da celebração, em 2019, dos 300 anos da morte de La Salle. A publicação de dois artigos (Tagliavini; Piantkoski, 2013 e Pauly; Casagrande; Corbellini, 2018) questionando os motivos pelos quais La Salle não é mencionado – ou o é muito pouco - nos livros de história da educação também ajudaram a impulsionar a realização do estudo, que traz contribuições para a memória de La Salle, reconhecido por Gauthier (2014) como um dos fundadores da pedagogia moderna.

Ao fazer memória da Sociedade das Escolas Cristãs, este texto traz à luz elementos que permitem tornar mais conhecido um pedagogo que é pouco discutido academicamente, mas que teve uma grande contribuição na modernização da educação nos séculos XVII e XVIII e que deixou, além de um modelo de escola organizado segundo os padrões do seu tempo, uma vasta obra escrita que permite compreender com clareza como se organizava a escola naquele período.

O artigo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica. Buscamos elementos em autores consagrados, como Manacorda (1992) e Gauthier (2014), bem como em pesquisadores lassalistas, como Hengemüle (2007) e Fiévet (2001). A partir das ideias coletadas desses autores, examinamos o período histórico em que La Salle viveu e situamos sua obra dentro das mudanças de paradigma que ocorriam naquele período e que influenciaram profundamente o pensamento pedagógico da época.

2 MEMÓRIA HISTÓRICA DA SOCIEDADE DAS ESCOLAS CRISTÃS

Não se ignora que no século XVII a Modernidade, e com ela o paradigma científico, estava em pleno florescimento. A educação nesse período também passava a ser organizada e metódica. Gauthier (2014) e Manacorda (1992) apontam que desde o colégio dos Jesuítas até as Escolas Cristãs de La Salle, a pedagogia passava naquele momento a ser pensada com o máximo de cuidado e atenção, não apenas pelo impacto sobre o indivíduo, mas principalmente sobre a sociedade.

A preocupação com o papel social da educação tornou-se uma constante na escola moderna. Démia afirmava, em 1674, que “abrir uma escola era fechar uma prisão” (Gauthier, 2014, p. 111). Recorda-se que nesse período o acesso à educação e à cultura era privilégio da nobreza e de algumas camadas da burguesia, mentalidade que era defendida por estudiosos e políticos. Hengemüle (2007, p. 20), por exemplo, cita uma deliberação do Conselho da Cidade de Rennes que dizia: “Não seria, [...], de se temer que, por essa via, se esclareça demasiadamente essa porção do povo destinada a carregar com os fardos mais pesados da sociedade e a desigualdade de sua condição?”. O mesmo autor cita, ainda, Richelieu, ministro de Luís XIII, no seu “Testamento Político”, de 1642: “É certo que elas (as letras) não devem ser ensinadas indiscriminadamente a todos. [...] As ciências encheriam a França de contestatários, mais aptos a arruinar as famílias e a perturbar a paz pública [...]” (Hengemüle, 2007, p. 19).

Acreditava-se que era interessante deixar o povo na ignorância, porque os trabalhadores não tinham necessidade de saber ler e escrever. O próprio Voltaire afirmou, em apoio a La Chalotais, que era contrário à escolarização do povo: “Agradeço-lhe por proibir o estudo aos lavradores. É mais conveniente que o povo seja guiado que ser instruído; não é digno de sê-lo” (Hengemüle, 2007, p. 21).

Além dessa problemática relacionada ao direito dos trabalhadores à educação, havia ainda uma compreensão social de infância relacionada ao mundo do trabalho que é explicada por Poutet e Pungier (2001, p. 40):

Para os meninos do povo, o papel social fundamental é ajudar na subsistência da vida da família através de atividade manual, requerendo força. Desde cedo,

as meninas ajudarão a mãe, com várias crianças pequenas. A opinião pública, mesmo das camadas da nobreza e burguesia, censura as mulheres com pretensões de estudos.

Lauraire (2008) diz que na sociedade urbana da época eram muito fortes as corporações de ofícios, que tinham como principal preocupação justamente a manutenção e subsistência das diversas profissões. Ademais, as escolas em geral ou eram ligadas à igreja ou, então, mantidas pelas corporações. Havia, nelas, uma preocupação em preparar as crianças para a vida, ou seja, garantir que terminando os estudos elas tivessem a possibilidade de conseguir trabalho no ofício para o qual se prepararam. Por isso, não havia grande preocupação com a formação intelectual.

Foi justamente a preparação para a vida que fez com que o sujeito aprendente ganhasse destaque na pedagogia moderna. A escola passou a ser compreendida como um lugar especializado em educação. Ao ser desenvolvida no século XVII como um espaço de ensino simultâneo, ou seja, com vários estudantes em uma única sala de aula trabalhando ao mesmo tempo, a função do professor se profissionalizou. Os espaços escolares, os métodos e técnicas de ensino, a estética da sala de aula, a preparação dos materiais didáticos, todos esses elementos passaram a ser pensados em função da formação dos alunos.

Diversos autores, dentre os quais destacamos Manacorda (1992), Gauthier (2014) e Nunes (1981), indicam que João Batista de La Salle é responsável em grande parte por esse novo paradigma educacional. Membro da alta burguesia de Reims, filho de pai magistrado e de mãe nobre, dedicou grande parte de sua vida, dos 29 aos 68 anos de idade, à educação das crianças pobres da França. Em um trabalho coordenado inicialmente em conjunto com Adrien Nyel, educador popular de Rouen, abriu uma série de escolas para atender os filhos dos artesãos e dos pobres urbanos de Reims e, posteriormente, de outras cidades da França.

Para compreender a importância do trabalho iniciado por La Salle, apontamos que na primeira metade do século XVII (e até mesmo na segunda, em uma compreensão que ia aos poucos se desfazendo) o professor era visto como um personagem *sui generis*, como se depreende dessa carta de Petrarca a seu amigo Zenóbio de Strata, citada por Manacorda (1992, p. 176):

Ensinem às crianças aqueles que não sabem fazer algo melhor, que têm diligente dedicação, mente um tanto tarda, cérebro mole, inteligência sem asas, sangue frio, corpo resistente ao trabalho, espírito desprezador de glória [...]. [...] aqueles que gostam da poeira, do barulho e do vozerio misturado com as lágrimas de quem gema sob a vara; aqueles que gostam de infantilizar-se, que têm vergonha de estar no meio dos homens, que não se sentem bem com seus coetâneos, que gostam de mandar os menores e ter sempre alguém a quem aterrorizar, atormentar e afligir [...].

Petrarca era do século XIV, portanto viveu quase três séculos antes de La Salle; contudo, Manacorda (1992), Hengemüle (2007) e Gauthier (2014) dão a entender que pouca coisa mudou no tocante ao professor. Este continuou sendo visto como alguém que dava aulas porque não tinha condições para ganhar a vida de outra maneira (Gauthier, 2014).

O contexto social, econômico e político da França na época era caótico e repleto de contradições. As divisões sociais eram marcantes e acentuadas pela maneira como vivia a corte. Lauraire (2008) e Fiévet (2001) relatam a ocorrência de um acentuado êxodo rural, "enquanto os nobres e os burgueses compravam ou construíam casas no campo" (Nunes, 1981, p. 14). A própria corte mudou-se do Louvre, no coração de Paris, para Versailles, povoado que ficava nos arredores, mudança financiada pelos impostos que eram pagos majoritariamente pelos mais pobres. Isso mostra uma política fadada ao fracasso, pois aumentava a miséria do povo, tanto nos ambientes rurais quanto nos urbanos. La Salle e outros educadores da época encontraram na educação uma forma de amenizar a situação.

São as mudanças decorrentes deste novo paradigma que decretam o surgimento da pedagogia moderna. É reconhecidamente na segunda metade do século XVII que ela ganha impulso, a partir de educadores como Batencourt, Comenius, Démia e La Salle (Gauthier, 2014). A Sociedade das Escolas Cristãs, como um movimento educacional organizado, desenvolveu processos e métodos de ensino, descritos em um livro intitulado *Conduite des Écoles Chrétiennes* (Guia das Escolas Cristãs, em tradução brasileira de 2012 coordenada por Edgard Hengemüle).

A função social das Escolas Cristãs foi o atendimento aos "filhos dos artesãos e dos

pobres", por que estes, "estando ocupados todo o dia em ganhar o sustento próprio e dos filhos, não lhes podem dar, por si mesmos, as instruções de que necessitam e educação adequada e cristã" (La Salle, 2012d, p. 18). Segundo Fièvet (2001), a categoria social "artesãos" era formada basicamente por trabalhadores, em geral informais (feirantes, trabalhadores manuais, entre outros). Já os pobres podiam ser pessoas sem emprego ou diaristas, imigrantes, exilados, ou ainda crianças moradoras de orfanatos, internatos ou outras instituições de acolhida. É certo que, ainda que membros do mesmo grupo social, haviam pessoas com distintas condições financeiras.

A missão das Escolas Cristãs era simples e clara: dar educação gratuita a essas crianças que, de maneira geral, não tinham condições de frequentar a escola, seja porque tivessem que ajudar seus pais a ganhar o sustento, seja pela ideia corrente de que os trabalhadores não precisavam de educação (Hengemüle, 2007). A eleição deste público alvo foi uma forma de quebrar este paradigma. Uma das tarefas dos professores era convencer os pais da importância de mandar os filhos para a escola, "porque uma criança educada pode tudo" (La Salle, 2012a, p. 137).

3 AS ESCOLAS CRISTÃS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO MODERNA

La Salle desenvolveu o seu modelo de escola em um século no qual florescia o método científico, repleto de novidades e novas ideias, e isso fez com que a pedagogia lassalista aportasse elementos fundamentais para a estruturação da educação moderna.

Uma vez que na modernidade o paradigma dominante é o científico, a emergência desse paradigma levou à elaboração de uma pedagogia que tinha um cunho não apenas prático, mas também teórico, ainda que não se possa afirmar categoricamente que fosse científico, nos moldes da ciência moderna. Aquilo que se manteve durante séculos como a única forma de ensinar se transformou em um modelo novo de escola, agora focada nas transformações da realidade histórica e nas necessidades sociais.

Lauraire (2008) mostra que o projeto educacional desenvolvido por La Salle, que se desenvolveu a partir da criação do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, não estava desligado da realidade histórica. De acordo com Ariès (2015, p. 85), o fim da Idade Média trouxe consigo uma nova compreensão de ser humano, que surgiu junto com o que ele chama de "conceito de infância".

As crianças, segundo estudo de Ariès (2014), passaram a ser sujeitos portadores de direitos. Para Lauraire (2008), os pedagogos do século XVII aliaram esse novo conceito – que se desenvolveu a partir do humanismo quinhentista – à necessidade premente de educação para atender às demandas sociais.

No início do século XVII as poucas escolas que existiam, além de serem insuficientes, necessitavam de urgente renovação, pois os conteúdos estavam superados e os mestres/professores tinham pouca instrução e/ou ideal educativo. A partir de Hengemüle (2007) e Gallego (1993), podem ser identificados pelo menos cinco grupos de escolas na França do século XVII:

- Escolas de iniciação ou Pequenas Escolas para crianças até 9 anos. Dependiam da autoridade episcopal representada pelo *Grand Chantre*. Podiam ser tanto pagas como gratuitas.
- Escolas dos Mestres-Calígrafos, criadas e mantidas pela corporação dos escrivães. Iniciavam os alunos na aritmética e livros contábeis. Eram pagas.

- Escolas de Caridade, destinadas aos pobres, devidamente cadastrados como tais mediante comprovante de pobreza nas paróquias. Eram gratuitas e numericamente insuficientes. "Eram raras e oscilavam com o vaivém da prosperidade do país". (Gallego, 1993, p.41).

- Escolas dos Meninos Cantores, também sob a direção paroquial. Nelas se ensinava os rudimentos, mas o prioritário era aprender os serviços da liturgia.

- Estabelecimentos de Assistência aos abandonados, sob a responsabilidade da municipalidade. Destinavam-se a menores órfãos e abandonados, mas que também só atendia os que eram catalogados pela municipalidade. Também eram insuficientes quanto ao número.

Existiam ainda escolas dentro dos asilos, para atender as crianças abandonadas. Conforme Gallego (1993) havia autorização para todo tipo de ensino, contanto que tivesse Patente Real e que o corpo docente fosse aceito pelo município.

Destacaremos a seguir alguns dos novos paradigmas que ajudaram a moldar a educação moderna. Podemos colocar, nessa ordem, o paradigma científico, que começou a se

desenvolver no século XVI a partir de diferentes observações do mundo, e ganhou força no século XVII, com o desenvolvimento do método científico; o paradigma religioso, que passou por uma forte mudança a partir de 1517 com as 95 teses de Lutero; o paradigma socioeconômico, com o aumento da população nas cidades, o que mudava o modelo de sustentação da população e consequente necessidade de formação escolar e de profissionalização do trabalho manual; e o paradigma antropológico, com a já mencionada nova compreensão de ser humano, que começou a se desenvolver ainda no século XV.

A partir dos novos paradigmas surgia também uma nova pedagogia, retratada por Gauthier (2014, p. 102) como “uma reflexão consciente e ordenada sobre a maneira de fazer e de ordenar a classe”, em contraposição com um período anterior no qual “a dimensão pedagógica ainda não é aí fundamental” (Gauthier, 2014, p. 102.).

Apresentaremos um retrato da pedagogia das Escolas Cristãs dentro de cada um desses novos paradigmas. Esse relato ajudará a situá-la na modernidade e a justificar o fato de La Salle ser considerado um dos mais importantes precursores da pedagogia moderna (Gauthier 2014, p. 102).

3.1 Paradigma Científico

O novo paradigma, baseado no método científico, transformou o mundo ocidental, o que não significa que tenha surgido repentinamente nem que tenha revolucionado ao mesmo tempo todos os setores da sociedade. A própria educação não passou por uma revolução plena e repentina, mas ocorreu como resultado de reflexões anteriores, que já existiam quando a Companhia de Jesus fundou os primeiros colégios a partir de 1540. A mudança de paradigma, portanto, caminhou junto com o *modus vivendi* da sociedade daquele período e, ao contrário do que possa parecer, não foi pacífica.

No Guia das Escolas Cristãs, principal texto pedagógico assinado por La Salle, que começou a circular entre 1704 e 1706, mas cuja primeira edição impressa é de 1720 (Lauraire, 2008), aparecem os primeiros indícios de uma pedagogia embasada em elementos científicos. Já no prefácio se diz que o texto é um relato de experiência: “Este Guia só foi redigido em forma de regulamento após numerosas trocas de ideias entre os Irmãos mais antigos deste Instituto e os mais aptos em dar aula, e após experiência de vários anos” (La Salle, 2012a, p. 19). As ideias pedagógicas nele escritas não são frutos de especulação ou da imaginação do fundador das Escolas Cristãs, mas o resultado de uma experiência de quase 30 anos, considerando que a primeira Escola Cristã foi aberta em 1679 (Hengemüle, 2012).

As Escolas Cristãs possuíam um método educativo sustentado por bases sólidas. Era um método que visava o aproveitamento máximo do tempo escolar para que os meninos aprendessem o suficiente no menor tempo possível, respeitando o ritmo de cada um. O próprio La Salle, ao explicar os motivos de ensinar em francês e não em latim, como era prática corrente na época, diz que

A experiência ensina que aqueles e aquelas que vêm às escolas cristãs não persistem em frequentá-las por muito tempo e não acodem a elas por período suficiente para aprender a ler bem o latim e o francês. Assim que chegam à idade de trabalhar, são retirados da escola, não mais podendo voltar a ela, pela necessidade de ganhar a vida. (La Salle, 2012b, p. 32).

O método das Escolas Cristãs tinha, portanto, um objetivo claro e partia de um problema: a necessidade de as crianças se alfabetizarem no menor tempo possível para, no caso da evasão escolar, terem conhecimento suficiente para enfrentar suas próprias necessidades. Para isso, além de um projeto pedagógico, o Guia das Escolas Cristãs mostra que La Salle e os Irmãos professores embasavam os processos de ensino-aprendizagem em conhecimentos incipientes de vários saberes auxiliares que, se não eram considerados ciência, eram pelo menos intuídos como importantes na construção do conhecimento. Como exemplo, encontramos no Guia várias páginas dedicadas à maneira correta de tratar pedagogicamente estudantes com comportamento diferente.

As Escolas Cristãs são um exemplo de como a educação se modernizou no século XVII. Embora, grosso modo, as escolas atuais estejam organizadas de forma semelhante com as daquele século, não se pode comparar o que se entende por educação hoje com o que era

praticado nas escolas do século XVII. Se a ciência moderna ainda estava se estruturando, o mesmo se pode dizer da educação e de outras áreas, que também se modernizavam. Apesar disso, Manacorda (1992) e Boto (2017) afirmam serem as escolas cristãs utilizadoras em larga escala e, mesmo, introdutoras do que de mais moderno se conhecia em termos de tecnologia didática e educacional: a pena de ganso (Manacorda, 1992, p. 231), o papel (La Salle, 2012a, p. 229), os cartazes (La Salle, 2012a, p. 237), os livros didáticos (La Salle, 2012a, p. 244), os móveis feitos sob medida para cada idade (La Salle, 2012a, p. 235) e o quadro-negro (Boto, 2017, p. 253).

Não é exagero, portanto, dizer que as Escolas Cristãs se adequaram ao novo paradigma científico; mais que isso, estavam plenamente inseridas nesse contexto. Claro está que, segundo Manacorda (1992, p. 235), as escolas de La Salle eram um lugar onde “o velho e o novo se misturam de maneira singular”, ou seja, nem tudo era necessariamente inovador, como por exemplo a manutenção dos castigos corporais, prática pedagógica muito em voga na época.

3.2 Paradigma Religioso

Outro fator determinante na construção da pedagogia moderna foi o paradigma religioso. A hegemonia assumida pelo Catolicismo Romano no mundo ocidental desde o fim do século IV rompeu-se com a revolta de Martinho Lutero em 1517. A afirmação de Gauthier (2014, p. 57) de que “o cristianismo permitiu a propagação da escola” faz sentido quando se percebe que os rumos da educação até o século XVII eram determinados especialmente pela Igreja Católica.

Outras religiões não tinham, no Ocidente, o mesmo impacto do Cristianismo, de maneira especial o Catolicismo Romano. O Protestantismo, por outro lado, exerceu uma influência muito grande, a ponto de o Catolicismo se organizar de modo a não perder o espaço conquistado no decorrer dos séculos. Uma das bandeiras defendidas com veemência por Lutero era justamente a da educação.

A nova preocupação do Catolicismo com a educação está no cerne da fundação de congregações religiosas voltadas à educação na França e na Alemanha dos séculos XVII e XVIII. Os pedagogos citados por Gauthier (2014) como pilares da pedagogia moderna são todos religiosos, sendo Comenius o único protestante. As Escolas Cristãs, fundadas por La Salle, entram neste contexto, como veremos a seguir.

João Batista de La Salle era sacerdote católico, fiel ao Papa e defensor da doutrina do Concílio de Trento. Esta é uma observação importante, pois a Igreja Católica na França estava longe de aceitar plenamente os ideais tridentinos, considerados progressistas à época.

Em termos de poder, a Igreja Católica ainda dominava soberanamente, mas já começava a sofrer oposição. Roma ainda tinha poder sobre o Rei da França, o que era contestado pelo galicanismo. Além disso, uma parte da França (Avignon) era território pontifício. O alto clero tinha poder junto à Corte. Algumas das principais figuras no poder político da época eram clérigos (Mazarin, Richelieu). Ser membro do clero significava pertencer à elite política e econômica (havia exceções, como os párocos de vilas e aldeias que não tinham os mesmos privilégios).

No século XVII ainda era forte o Jansenismo que, de acordo com Nunes (1981, p. 10), era uma “corrente doutrinária, um sistema teológico referente à graça e à predestinação”, que foi condenada pelo Papa Clemente XI, em 1705, através da Bula Unigenitus. Outro movimento herético da época era o já apresentado Galicanismo, que pretendia separar o poder religioso do poder secular.

Ademais, o período ainda estava marcado pela profunda turbulência da Reforma de Lutero, que trouxe grandes mudanças à Igreja e, consequentemente, à sociedade. Os movimentos protestantes se multiplicaram pela Europa, agitando o pensamento religioso e despertando a reação da Igreja Católica, que se lançou na direção oposta, de Contrarreforma, a partir do Concílio de Trento. Além de Martinho Lutero, outras figuras proeminentes do protestantismo foram Calvino e Knox, que fundaram escolas e universidades, mostrando a importância da educação para o protestantismo.

Esses elementos todos tiveram influência no pensamento pedagógico. O Concílio de Trento reafirmava a doutrina da salvação, dizendo que toda ação feita pela Igreja ou por algum batizado tem em vista a salvação das almas, e ameaçando com penas severas como a excomunhão quem tomasse qualquer atitude contrária. Nos batizados, “o livre arbítrio não ficou neles extinto, mas atenuado de forças, e inclinado” (Sacrosancto, 1781, p. 97). O Concílio de Trento ajudou no avivamento da fé católica, mas não resolveu nem a questão dos protestantes

e das heresias, nem a situação do poder da Igreja, especialmente na França. O secularismo foi inevitável, uma vez que uma das principais questões no pensamento pós-Idade Média foi o antropocentrismo, ou seja, o ser humano passou a ser o centro das relações, e não mais Deus.

A comparação entre as propostas educacionais da Reforma e do Concílio de Trento, segundo Ferreira, pode ser sintetizada entre, de um lado, a proposta lassalista cuja “ideia fundamental era instruir as crianças do povo na piedade, na obediência, nos princípios da doutrina cristã e de as preparar para uma vida social e profissional dentro da tradição familiar” (Ferreira, 2011, p. 19) e, de outro, os protestantes cuja reivindicação de acesso universal e, ao mesmo tempo, individual ao texto das escrituras exigia a disseminação das escolas elementares. No entanto, parece que o sucesso da universalização da escola elementar na Europa se deve à tradição cristã, comum a católicos e protestantes, que, apesar das divergências eclesiásticas, compartilham da “crença no valor da educação” que

põe sectores da sociedade mais progressistas e militantes a investir na instrução popular. Isso é mais evidente na maioria dos países da Europa Setentrional onde o princípio da tolerância religiosa foi aceite, dando oportunidade que grupos evangélicos minoritários e outros encarassem a educação numa perspectiva caritativa. [...] Considerando do ponto de vista antropológico, a cultura europeia assentará muito neste esforço precoce da escolarização que atenderá quer aos conhecimentos de caráter instrumental caros a uma burguesia em afirmação quer a uma formação moral e religiosa cristã. (Ferreira, 2011, p.18-19)

A discussão entre protestantes e católicos fortaleceu a organização da escola no século XVII. A pedagogia das Escolas Cristãs, segundo Manacorda (1992, p. 228), “ultrapassa as iniciativas da Contrarreforma”, pois “em parte se orientam na linha das novas experiências protestantes” ao permitirem a formação de professores leigos nas escolas da Igreja, função habitualmente reservada ao clero. Esta revolução, associada à questão científica, pode ser considerada um marco da educação moderna: escolas laicas que se pautam por conteúdos científicos.

3.3 Paradigma Socioeconômico

Outro fator que influenciou muito a educação do século XVII foram as mudanças na questão socioeconômica. Se no século XVII a Europa ainda era essencialmente agrícola, isso começava a mudar com problemas como intempéries e guerras, e a consequente fome e miséria no campo (Fiévet, 2001; Ariés, 2015). Começava a ocorrer um crescimento da população urbana antes do advento da industrialização. Embora a população vivesse ainda majoritariamente nas áreas rurais, a população das cidades crescia, e com esse crescimento aumentava a pobreza.

Era consenso que filhos de agricultores não precisavam estudar. Contudo, o mundo urbano exigia educação para todos, pois nesse ambiente pessoas não escolarizadas não conseguiam trabalhar. A crença de que os pobres não precisavam estudar, contudo, se estendia ao mundo urbano. La Salle, no Guia das Escolas Cristãs, mostra que um dos problemas que os professores enfrentavam era o convencimento aos pais de que a escola é importante para que os jovens estivessem aptos a algum emprego (La Salle, 2012a, p. 137).

Portanto, o crescimento das cidades pode ser visto como um fator determinante para o surgimento da pedagogia moderna. As escolas, em geral, eram pensadas para o ambiente urbano, embora pudesse se manifestar também uma preocupação com a educação do campo, como a criação do Seminário para Mestres Rurais, iniciativa de La Salle no final do século XVII que marca o surgimento das escolas normais (Saviani, 2005). O método educacional de La Salle, contudo, era voltado ao ambiente urbano e para filhos de trabalhadores das cidades: “O trabalho dessa Comunidade consiste em dirigir escolas de forma gratuita, exclusivamente nas cidades, e em explicar o catecismo todos os dias, mesmo nos domingos e festas.” (La Salle, 2012c, p. 16).

Fiévet (2001) revela um aumento no número dos pobres na França, causado, entre outros motivos, por um forte êxodo rural que, por sua vez, era provocado pelo descaso para com os pobres e pelos sucessivos desastres climáticos (secas associadas com invernos rigorosos), o que levava ao aumento na população nas cidades. Isso incorria num maior número de crianças e adolescentes nas ruas, o que, naturalmente, transformava-se em calamidade pública.

Nunes (1981, p. 8) descreve as precárias condições de vida nas cidades, incluindo Paris. O mesmo se dava em outras cidades da Europa: ruas estreitas, escuras, sujas, sem saneamento básico, sem condições de higiene, animais misturando-se aos mendigos nas ruas, "enquanto os nobres e os burgueses compravam ou construíam casas no campo". Portanto, segundo o mesmo autor (Nunes, 1981, p. 14), as injustiças e iniquidades aumentavam, a corrupção minava o pouco de pudor que ainda restava. É, portanto, uma época de crises, o que não significa que necessariamente todo o cenário era negativo.

Encontramos ainda em Nunes que o século XVII foi "a época da gênese da ciência moderna, com grandes avanços no campo das matemáticas e com o emprego vitorioso do método experimental" (Nunes, 1981, p. 14). Da mesma forma, houve um grande impulso na questão da cultura. E, ao mesmo tempo, o conjunto de problemas sócio-político-econômicos impulsionou uma nova vertente de vida religiosa dentro da Igreja Católica, com o surgimento de inúmeras congregações que tinham como objetivo solucionar os problemas sociais que não eram atendidos pelo governo, e isso levou a avanços significativos, especialmente nos campos da educação, saúde e assistência social.

Ainda assim, a desigualdade social era enorme e até mesmo cultural. Hengemüle (2007, p. 49) afirma que havia na época uma "profunda crença na desigualdade humana", refletida na divisão da sociedade em ordens sociais. O modelo político-religioso era o da manutenção da pobreza. Assim, enquanto os ricos tinham boas escolas, e com isso uma aprendizagem melhor de acordo com seu padrão social, os pobres, quando tinham acesso à educação, eram atendidos pelas escolas paroquiais, de baixo padrão, voltadas exclusivamente para sua classe social. Essas escolas eram gratuitas, o que aumentava ainda mais a exclusão social que já era dominante.

O período, que coincidiu com o reinado de Luís XIV, foi de grandes conflitos armados, que dizimou boa parte da população pobre e mergulhou o país no caos e na fome. A Corte não sentia as agruras, pois sempre que vinha a crise, um decreto aumentava os impostos, que incidiam sobre a burguesia e os mais pobres, já que a nobreza era isenta de pagá-los.

3.4 Paradigma Antropológico

Destacamos, por fim, o paradigma antropológico, chamado por Ariès (2015) de sentimento da infância. As mudanças de pensamento que começaram a ocorrer no final do século XV se consolidaram no século XVII. As crianças passaram a ser vistas como pessoas, não mais como uma espécie de projeto de adulto. Como tal, eram necessitadas de educação como introdução na vida adulta, ou simplesmente preparação para a vida.

Este paradigma se desenvolveu a partir da nova lógica antropocêntrica moderna. Ariès (2015, p. 85) diz que no século XVII "se começou realmente a falar na fragilidade e na debilidade da infância". Até então, ela era "mais ignorada, considerada um período de transição rapidamente superado e sem importância" (Ariès, 2015, p. 85). A educação primeira era dada integralmente dentro da família e, segundo o mesmo autor, sem qualquer senso de pudor ou de cuidados com a criança. Desde muito cedo (um ano de idade) elas eram iniciadas nas artes, na música, na dança e em outras aprendizagens.

Como não havia divisão entre infância e vida adulta, também não havia idade específica para ir à escola. Ariès (2015, p. 108) diz que "os alunos iniciantes geralmente tinham cerca de 10 anos. Mas seus contemporâneos [...] achavam natural que um adulto desejoso de aprender se misturasse ao público infantil". Numa sala, "reuniam-se então meninos e meninas de todas as idades, de seis a 20 anos ou mais" (Ariès, 2015, p. 108). Isso era normal, uma vez que, embora estivessem os alunos em uma mesma sala, o ensino era individual e não havia seriação: esta passou a existir a partir da segunda metade do século XVII, com o método simultâneo.

Uma compreensão diferenciada de pessoa vinha se desenhandando desde o Renascimento (século XV). Simard demonstra que, nesse período, houve o advento do humanismo, período em que o ser humano se torna o centro. "O homem se torna um modelo para si mesmo, autor da própria imagem e criador de um mundo do qual é responsável" (Simard, 2014, p. 78).

Este pensamento, derivado do humanismo renascentista, reaparece em La Salle quando afirma que qualquer criança pobre "sabendo ler e escrever, é capaz de tudo" (La Salle, 2012a, p. 197). Quer dizer que o processo de mudança do ser humano começa na escola. A sociedade, por si só, não é capaz de evoluir; o próprio ser humano não muda sem um processo de aprendizagem. La Salle coloca na escola uma forte carga de esperança porque a concebe como

responsável pelo processo de mobilidade social no contexto da sociedade aristocrática francesa fundamentada na impossibilidade de ascensão social decorrente do mérito educacional dos indivíduos pobres. A noção de que o ser humano é capaz de tudo quando sabe ler e escrever amplia a concepção antropológica acerca da capacidade do ser humano, que posteriormente veio a ser o objetivo das ciências da educação, principalmente, no século XXI, na sociedade do conhecimento.

A compreensão de ser humano com a qual La Salle concebe o seu aluno, implica na necessidade de transcender a visão aristocrática do docente. O papel do professor é revisto. Tanto aluno quanto professor estão no centro do processo educativo, enquanto seres humanos em crescimento, e são apresentados como igualmente importantes para que o processo pedagógico aconteça. Não se trata mais de um adulto superior que sabe e pode transmitir a um infante inferior que nada sabe. A relação antropológica é entre um docente adulto que se sabe capaz de aprender com a criança o modo mais adequado de ensiná-la.

Parece ser consenso entre os historiadores da educação que a nova compreensão antropológica que deu origem ao “sentimento de infância” (Ariés, 2015) foi fundamental para a construção da pedagogia moderna. Este novo paradigma, é claro, transcendia a infância. Era o ser humano como um todo que era visto de forma diferente, como alguém capaz de modificar o próprio destino. Ainda que o Concílio de Trento tenha se esforçado por manter o antigo ideal de dependência de Deus, é o pensamento apresentado por Lutero, de que o ser humano está dividido entre dois reinos: “um em que é conduzido por seu próprio arbítrio e conselho, sem preceitos e mandamentos de Deus, a saber, nas coisas que são inferiores a ele” (Lutero, 1993, p. 85), que vai definir a necessidade de o ser humano ser educado para transformar a sua própria vida e o mundo. Esse ideal antropológico penetra inclusive as escolas católicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernização da pedagogia no século XVII nem sempre recebe a devida importância nos estudos de história da educação. O mesmo se pode dizer dos pedagogos desse período aos quais, com exceção de Comenius, raramente recebem mais do que algumas linhas nos livros e raramente são mencionados nas Universidades.

Apresentar o nascimento da Sociedade das Escolas Cristãs – posteriormente Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs – como um marco na revolução educacional do século XVII dificilmente poderia ser chamado de apologia. Embora não fosse muito diferente de outros grupos e sociedades que surgiam naquele período, por outro lado era peculiar justamente porque fazia a mesma coisa de um jeito único. Não se pode dizer que La Salle e os primeiros Irmãos tenham sido responsáveis por essa revolução, pois ela foi acontecendo aos poucos e teve vários agentes. Pode-se afirmar, contudo, que essa Sociedade apresentou uma organização especial e introduziu inovações que lhe permitiram, por sua dinamicidade, permanecer no tempo.

Sabendo-se que a educação é dinâmica e, portanto, está em constante evolução, é importante perceber que, ao longo dos anos a escola mantém características essenciais que continuam embasadas nas primeiras escolas modernas do século XVII, como a seriação, as avaliações, o ensino simultâneo, o uso de material didático e a necessidade de compreender a pessoa do educando para fortalecer a aprendizagem.

Outro elemento que se mantém desde aquele século é a compreensão da função social da escola. Se até então esta tinha como principal objetivo ajudar a formar, de forma mais técnica, trabalhadores, agora ela passa a ter a função de formar cidadãos e se organiza em torno desse papel fundamental.

Este texto teve a pretensão de buscar em pesquisadores, alguns deles pouco conhecidos, material que permita fortalecer a discussão destes reformadores da educação no Brasil. As ideias aqui apresentadas, longe de serem exclusivas, abrem caminho para compreender a educação daquele período, o que ajuda a compreender a educação na atualidade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2. ed., Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2015.

- BOTO, Carlota. **A liturgia escolar na Idade Moderna**. Campinas: Papirus, 2017.
- FERREIRA, António Gomes. A Europa e a herança cultural da escola. **Educação em Questão**, Natal, v. 40, n. 26, p. 10-30, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4038/3305>. Acesso em: 08 mai 2025.
- FIÉVET, Michel. **Les enfants pauvres à L'école**: La revolution scolaire de Jean-Baptiste de La Salle. Paris: Imago, 2001
- GALLEGUO, Saturnino. **São João Batista de La Salle, fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs (1651-1719)**. São Paulo: Loyola, 1993.
- GAUTHIER, Clermont. A Roma Antiga e o nascimento da escola na Idade Média. In: GAUTHIER, Clémont; TARDIF, Maurice (orgs.). **A Pedagogia**: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 50-74.
- GAUTHIER, Clermont. O século XVII e o nascimento da Pedagogia. In: GAUTHIER, Clémont; TARDIF, Maurice (orgs.). **A Pedagogia**: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 101-127.
- HENGEMÜLE, Edgard. **Educação lassalista**: Que educação? Canoas, RS: Salles, 2007.
- LA SALLE, João Batista de. **Guia das Escolas Cristãs**. Canoas, RS: Unilasalle, 2012a.
- LA SALLE, João Batista de. **Memória em favor da leitura em francês**. Canoas, RS: Unilasalle, 2012b.
- LA SALLE, João Batista de. **Memória sobre o hábito**. Canoas, RS: Unilasalle, 2012c.
- LA SALLE, João Batista de. **Regras Comuns do Irmãos das Escolas Cristãs**. Canoas, RS: Unilasalle, 2012d.
- LAURAIRE, León. **La Guía de las Escuelas – Enfoque contextual**. Roma: Maison Saint Jean-Baptiste de La Salle, 2008.
- LUTERO, Martinho. Da Vontade Cativa. In: **Martinho Lutero: Obras selecionadas**. Debates e Controvérsias, II. V. 4. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 1993.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da antiguidade a nossos dias. 3. Ed., São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1992.
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da educação no século XVII**. São Paulo: EPU: Ed. da USP, 1981.
- PAULY, Evaldo Luis; CASAGRANDE, Cledes Antonio; CORBELLINI, Marcos Antonio. Entre omissão, desconhecimento e reconhecimento: João Batista de La Salle na pesquisa em educação no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, e230079, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v23/1809-449X-rbedu-23-e230079.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- POUTET, Yves.; PUNGIER, Jean. **La Salle e os desafios de seu tempo**. Tradução: Henrique Justo. Canoas: La Salle, 2001.
- SACROSANCTO e Ecumênico Concílio de Trento. Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1781, tomos I e II. Disponível em: <http://purl.pt/360/4/>. Acesso em: 08 mai 2025.
- SAVIANI, Demeval. História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 30, n. 2, p. 11-26, 2005a. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/3735/2139>. Acesso em 04 dez. 2025.

SIMARD, Denis. O Renascimento e a educação humanista. In: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (orgs.). **A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 76-100.

TAGLIAVINI, João Virgílio; PIANTKOSKI, Marcelo Adriano. João Batista de La Salle (1651-1719): um silêncio eloquente em torno do educador católico que modelou a escola moderna.

HISTEDBR On-line, Campinas, SP, n. 53, p. 16-40, out 2013. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640191/7750>. Acesso em: 20 abr. 2025.

i Sobre os autores:

Clóvis Trezzi (<https://orcid.org/0000-0002-5682-6579>)

Doutor em Educação (2018) pela Universidade La Salle de Canoas (RS) e Mestre em Educação (2010) pela Universidade Cidade de São Paulo (SP); especialista em Ensino Religioso e Pastoral da Educação (2006) pela PUC/PR; Graduado em Pedagogia (2006) pela UNIMEO/CTESOP (Assis Chateaubriand - PR) e em Filosofia (2002) pela Universidade Católica de Brasília (DF). Atua na Educação Básica desde 1994 como professor de Ensino Religioso e Filosofia e também na gestão de escolas na Rede La Salle. É professor no curso de Teologia da Universidade La Salle e nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle de Canoas (RS). Membro do Grupo de Pesquisa Temáticas Lassalistas, que investiga a pedagogia de João Batista de La Salle e seus reflexos na pedagogia moderna. Dedica-se a investigar a proposta educativa de La Salle. É coordenador de Formação na Província La Salle Brasil-Chile e na Rede La Salle.

Moyses Romero Borges Oliveira (<https://orcid.org/0000-0001-6330-1925>)

Mestre em Educação (2011) pela a Universidade Cidade de São Paulo (SP); Especialista em Educação MBA em Gestão Educacional pelas Faculdades Metropolitanas Unidas FMU (2007); especialista em educação Universidade Cidade de São Paulo (SP) Graduado em Filosofia (2004) pela Universidade Católica de Brasília (DF). Atua na Educação Básica desde 2001. Em 2008 Foi diretor do Colégio La Salle de Augustinópolis ? TO, Trabalhou como professor na Faculdade Pico do papagaio (FABIC) em 2008; Atuou na direção do Colégio Diocesano La Salle de São Carlos/SP de 2011 a 2020 , além de trabalhar na coordenação Coordenador do Curso Técnico em Química - nos anos (2011-2013) na coordenação do Ensino fundamental I (2013), passou a fazer parte da Vice direção do colégio La Salle de Zé Doca e na coordenação em 2021. Membro da CONSU/CONSEPE/ Faculdade Católica Imaculada Conceição do Recife deste de 2019 representante da Mantenedora - União Norte Brasileira de Educação e Cultura (Umbec), Passou a fazer parte do Grupo de trabalho (GT) do Itinerário Formativo da Campanha da Fraternidade de 2022 (CNBB) em 2020,

Como citar este artigo:

TREZZI, Clóvis; OLIVEIRA, Moyses Romero Borges. A Pedagogia de La Salle no contexto da educação moderna. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**. vol. 15, n. 3, p. 86-96, 34^a Edição, 2025. <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs>.

Revista Educação, Cultura e Sociedade é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011 e avaliada pela CAPES.

Indexadores: DOAJ – REDIB – LATINDEX – LATINREV – DIADORIM –SUMARIOS.ORG – PERIÓDICOS CAPES – GOOGLE SCHOLAR